

ARNALDO SARAIVA: «A CAMINHO DO QUE VEM A CAMINHO»

MARIA BOCHICCHIO

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
preciseparole@hotmail.com

O objectivo desta nossa homenagem é apresentar uma vida que se funde e confunde com a palavra nas suas múltiplas dimensões. Do ensaísmo à escrita poética, da docência ao jornalismo, do conhecimento de poesia à relação com a literatura (incluindo a marginalizada), a vida de Arnaldo Saraiva parece pautar-se por uma respiração permanente, visceral e vital, através das palavras, que se tornam assim elementos constitutivos e referenciais dessa mesma existência.

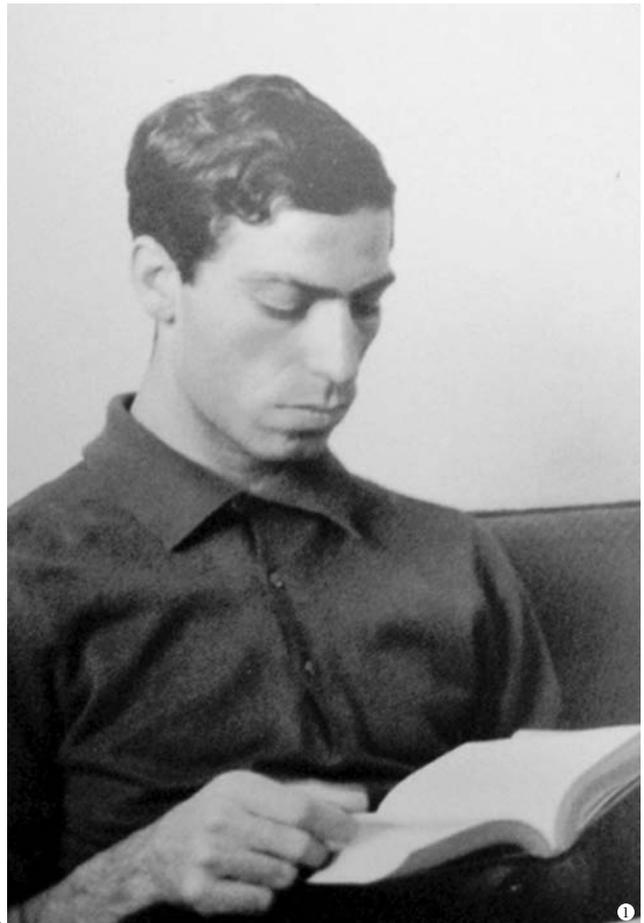


Foto 1: Lisboa, anos 1960.

Há encontros que acontecem por puro acaso e acabam por marcar os percursos individuais. Foi o que me aconteceu: o meu encontro com Arnaldo Saraiva deu-me a possibilidade de beneficiar do seu magistério: tratou-se de um «encontro sem desencontro», como o próprio teve ocasião de escrever na dedicatória do primeiro livro que me ofereceu. Este encontro prolonga-se até hoje e é nele que assenta esta minha homenagem.



Foto 2: Pais de Arnaldo Saraiva: António e Maria de Jesus.

Trata-se de um documentário que toma como título dois versos de Arnaldo Saraiva – *A caminho do que vem / a caminho* – e que visa apresentar a obra, em traços necessariamente breves, do homenageado, uma figura ímpar da cultura portuguesa contemporânea. Aliás, foi precisamente pelo facto de estarmos na presença de tão relevante personalidade que me pareceu que a melhor forma de fazer jus à sua carreira seria «projectar» a sua vida e a sua obra, elaborando um documentário em que imagens e palavras, escritas ou captadas em diálogo, funcionassem como a melhor «imagem» do homem, do professor e do escritor, de modo a sugerirem com brevidade a riqueza e a complexidade do seu percurso e do seu trabalho¹. Ninguém estranhará portanto que na breve apresentação que se segue seja privilegiada a obra de Arnaldo Saraiva. Como escreveu Benedetto Croce, de

¹ As imagens que aqui se reproduzem, acompanhadas da entrevista a Arnaldo Saraiva, resultam de um documentário prévio, realizado também com este objectivo, produzido com a Colaboração do Professor Adriano Nazareth e Raul Carvalho Paulo (Universidade Católica do Porto).

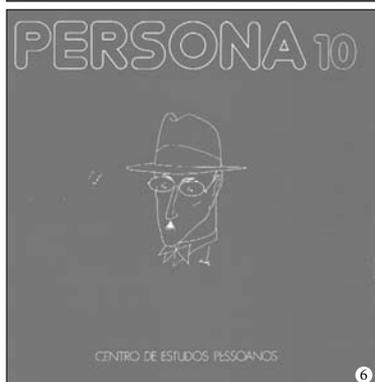
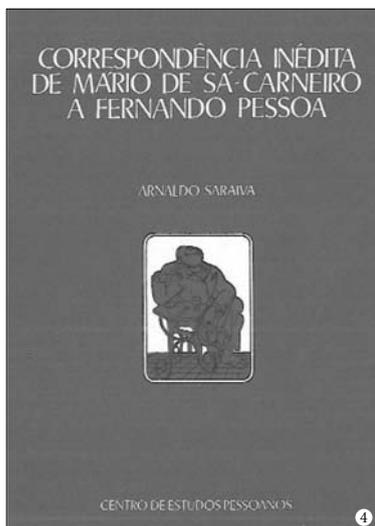
um autor o que conta é a obra. A biografia, como também Manganelli lembrou, a bem dizer não existe: é verdade que nascemos, é verdade que acontecem coisas ao longo da vida – mas tudo isto não descreve nenhuma história de ninguém. Como conjugar estas ideias com aquela tentação irreprimível de falar dos aspectos ligados à biografia de um autor? Penso que nós não temos vidas para contar; temos, sim, a densidade de uma obra que fala



Foto 3: Em Lisboa, aos 9 anos, com pai, irmãos e primos (segundo da esquerda para a direita).

de nós e através da qual se podem entrever alguns aspectos da vida. É possível olharmos o binómio vida/obra como se contemplássemos um tapete. E podemos mesmo dizer que conseguimos ler constantemente a nossa vida no avesso do tapete. O avesso tem todas as indicações do desenho, mas as suas cores e linhas são menos nítidas, embora a sucessão e encadeamento dos pontos explique o que se pode ver do direito. Na tentativa de decifrar a trama desse tapete, no jogo entre o vivido e a escrita, o intelectual e o emotivo, o relevante e o irrelevante, a sinceridade e o fingimento, a verdade e a interpretação, é que eu espero que o leitor possa explorar o território da obra de Arnaldo Saraiva. E que, por um instante, possa saborear a atmosfera mais próxima que a envolve tão caracteristicamente.

Um trabalho destes, porém, não teria sido possível sem a arte de Adriano Nazareth, que logo se prontificou com entusiasmo a realizar o documentário que subjaz a esta apresentação. A minha gratidão para com ele está em cada fotograma do filme. De notar ainda que Adriano Nazareth contou com a edição e pós-produção de Raul Carvalho Paulo, a quem igualmente agradeço.



Fotos 4, 5 e 6: O modernismo português, o modernismo brasileiro e as relações entre ambos são temas centrais da obra crítica de Arnaldo Saraiva. A Carlos Drummond de Andrade dedicou especial interesse, a começar pela sua tese de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, com o título: *Carlos Drummond de Andrade do berço ao livro*. A sua tese de doutoramento é um estudo fundamental para o conhecimento do modernismo de Portugal e do Brasil. Eduardo Lourenço e Arnaldo Saraiva, em Providence.

1. Arnaldo Saraiva nasceu em Casegas, no concelho da Covilhã, a 12 de Outubro de 1939. Filho de Maria de Jesus Baptista e do alfaiate António Marcelino Saraiva, foi nessa pequena e isolada povoação montanhosa perto da Serra da Estrela que passou a sua infância, aí iniciando os seus estudos primários que viria a concluir em 1949.

Mas a sua experiência marcante como jovem adolescente foi a saída da aldeia de seus pais, onde não seria possível continuar os estudos, para frequentar os seminários do Fundão e da Guarda. Foram tempos de isolamento e vigilância, que o marcaram profundamente. A instrução secundária seria concluída num colégio do Fundão, com brilhante exame final no Liceu de Castelo Branco.

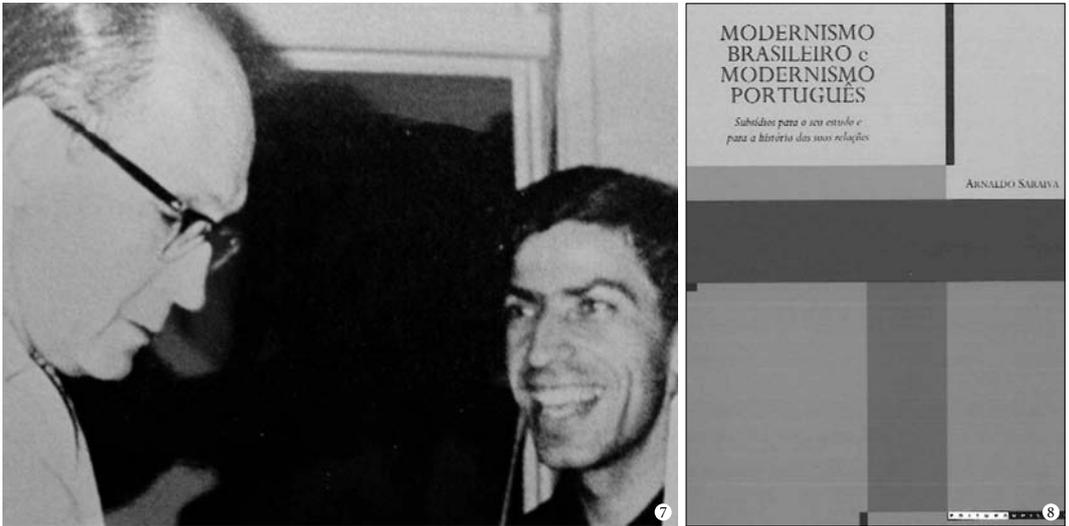


Foto 7: Carlos Drummond de Andrade e Arnaldo Saraiva. Rio de Janeiro, 1966.

Foto 8: «O Modernismo português e o brasileiro representam sem dúvida os momentos mais altos da cultura portuguesa e brasileira no século xx» (Arnaldo Saraiva, *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português*, vol. I, Porto, 1986, p. 9).

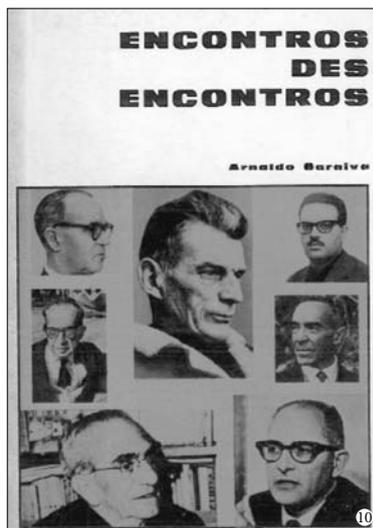
2. A universidade não foi para Arnaldo Saraiva uma mera escola de formação académica ou profissional. Tendo já colaborado em jornais de província e sido jornalista do *Jornal do Fundão*, foi o gosto cultural e verbal que o levou para a Faculdade de Letras de Lisboa, onde cursou Filologia Românica, curso que não interrompeu nem quando se viu obrigado a cumprir o serviço militar em plena guerra colonial. Na capital do país, o jovem intelectual, que como outros despertou as inevitáveis atenções da PIDE, conviveu com algumas das figuras mais marcantes do meio literário da época. Nessa galeria ilustre, avultam os nomes de Herberto Helder, António Ramos Rosa, Ruy Belo, Virgílio Ferreira, e os de alguns dos seus professores, como David Mourão-Ferreira, Jacinto do Prado Coelho e Vitorino Nemésio, que orientou a sua tese de licenciatura sobre Carlos Drummond de Andrade. O trabalho sobre o poeta mineiro, aliás, era apenas o primeiro resultado de um interesse crescente pela literatura brasileira que em 1965 o levava ao Rio de Janeiro para aprofundar os seus conhecimentos. Além do Rio de Janeiro, outras cidades estrangeiras iriam marcar o seu percurso cultural e académico: passaria por Paris, onde estudou com Roland Barthes, Gérard Genette, Greimas, Todorov ou Francastel, mas também por Urbino, onde aprofundou os seus estudos de Semiótica e Linguística sob orientação de Umberto Eco, Cesare Segre, Jean-François Lyotard, Bernard Pottier e Mihai Pop, entre outros.



Foto 9: Primeiro congresso internacional sobre Eugénio de Andrade, em Milão, Maio de 2006.

Foto 10: Publicado em 1973 pela editora portuense Paisagem, o livro de entrevistas e polémicas com escritores portugueses e estrangeiros *Encontros Des Encontros* marca diferença na abordagem académica da literatura.

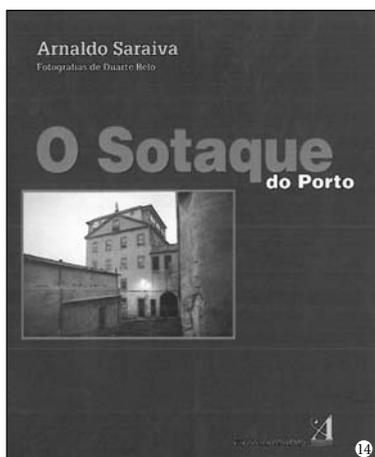
Foto 11: No Porto com Manoel de Oliveira, Bernardo Pinto de Almeida e Fernando Lanhas.



A actividade docente de Arnaldo Saraiva teria o seu início na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que em 1969 inaugurava a sua secção de Filologia Românica. Aí acabaria por prestar provas de doutoramento em 1986, depois de uma breve passagem como leitor, em finais da década de 1970, pela Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara. Exceptuando os meses em que ensinou como professor convidado na Universidade de Paris, Sorbonne Nouvelle, foi na Faculdade de Letras do Porto que desenvolveu uma longa, profícua e fecunda actividade, centrada sobretudo nas literaturas portuguesa e brasileira, bem como nas literaturas orais e marginais. Mas a actividade de Arnaldo Saraiva não se cingiu ao espaço universitário, já que exerceu funções directivas em instituições como a Cooperativa Árvore, o Boavista Futebol Clube e a Fundação Eugénio de Andrade.

Foto 12 [página ao lado]: Com Agustina Bessa-Luís, no Primeiro Congresso Internacional sobre Fernando Pessoa, em Abril de 1978.
Foto 13: Com Herberto Helder e Eugénio de Andrade na casa de Arnaldo Saraiva, no Porto. →





Fotos 14, 15: Dois livros (1996 e 2001) sobre o Porto, cidade onde vive e trabalha desde 1970.
Foto 16: E a revista da Fundação Eugénio de Andrade, que fundou e de que foram publicados 6 números.

«O desprezo e a desatenção em relação à literatura dita popular é muito mais do que um desprezo e uma desatenção de ordem literária: é o desprezo e a desatenção ao homem popular» (Arnaldo Saraiva, *Literatura Marginalizada*, Porto, 1975, p. 105).

3. Professor, crítico, tradutor, poeta, cronista, actor ou jornalista, todas estas facetas fazem parte duma vida que se funde e confunde com as palavras. Nome de referência do ensino e das letras, Arnaldo Saraiva promoveu a cultura portuguesa fora das fronteiras nacionais, em dezenas de países de vários continentes, ao mesmo tempo que soube trazer para Portugal nomes ou obras de alguns dos mais importantes intelectuais do nosso tempo. Esta invulgar actividade cultural é ainda reforçada por uma capacidade única para detectar e promover, *antes do tempo*, a importância de movimentos ou autores que só seriam posteriormente reconhecidos e consagrados.

Arnaldo Saraiva

Folhetos de Cordel

e outros da minha colecção

CATÁLOGO



PORTO • BIBLIOTECA MUNICIPAL ALMEIDA GARRETT • 2006

«O meu interesse pelos folhetos veio do meu gosto pela literatura, que ao contrário do gosto que geralmente estimulam as escolas ou as instituições cultas, ao contrário do comum gosto de académicos ou letrados, nunca desvalorizou os modelos da chamada «literatura oral»; e convém não esquecer que os textos de muitos folhetos, a começar pelos teatrais, não só prezam os registos que lembram a oralidade, como foram, ou são ainda, lidos em voz alta, recitados, cantados» (Arnaldo Saraiva, *Folhetos de Cordel e Outros da minha Colecção*, Porto, Biblioteca Municipal Almeida Garrett, 2006, p. 7).

Foto 17: A literatura marginalizada e popular, dita de cordel, é um dos tópicos da abordagem singular de Arnaldo Saraiva.

Arnaldo Saraiva fundou e dirigiu importantes revistas, entre as quais cumpre destacar *Persona* (que já nos anos 1970 estudava e divulgava Fernando Pessoa) até publicações mais recentes como *Terceira Margem* (considerada a maior revista de estudos brasileiros fora do Brasil) ou *Cadernos de Serrúbia* (publicação da Fundação Eugénio de Andrade, a que também preside). Mas foi também colaborador de várias revistas, portuguesas e estrangeiras, onde deixou, como em jornais, incontáveis artigos científicos e outras colaborações, nomeadamente crónicas.

E não podemos esquecer que ele reuniu talvez a mais rica colecção recente de folhetos de cordel portugueses, uma excelente colecção de folhetos de cordel brasileiros, e que o seu gosto pela colecção de manuscritos raros o levou a descobrir originais de escritores como Machado de Assis, Olavo Bilac, Cecília Meireles, Mallarmé, Apollinaire, Menéndez Pidal, Fernando Pessoa, etc.

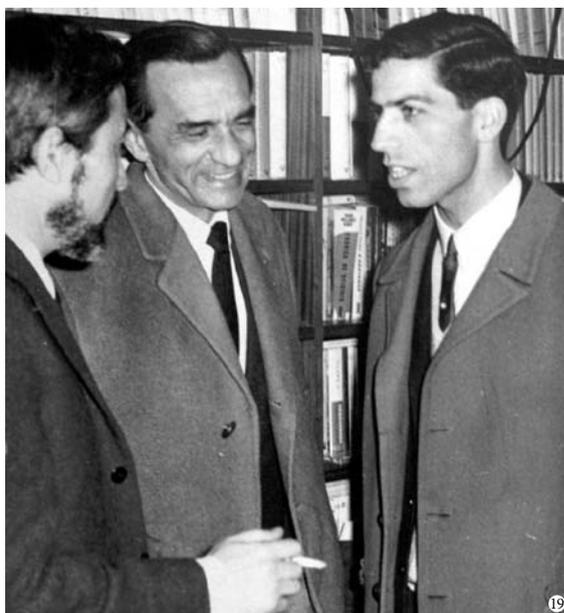
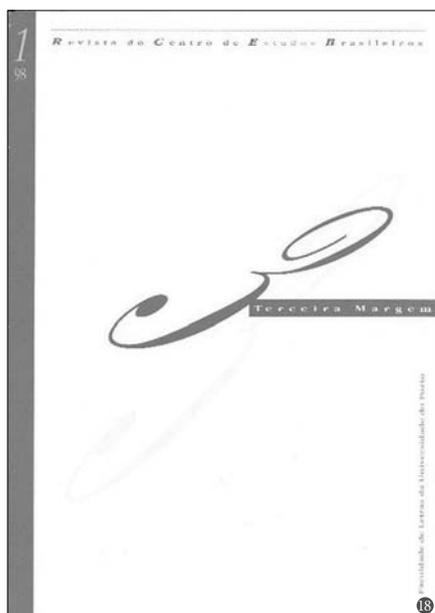


Foto 18: Ao alto, à esquerda, capa da revista *Terceira Margem* que fundou e dirige, dedicada a cultura brasileira (publicados 5 números).

Foto 19: Ao alto, à direita, no Fundão, com José Cardoso Pires e João Cabral de Melo Neto, nos finais dos anos 1960.

Foto 20: Em baixo, em Vila do Conde, com Ruy Belo e José Régio, por ocasião do baptismo de Duarte Belo.





Convívio constante com poetas.

Foto 21: Entre Fernando Pessoa e Jorge de Sena, numa caricatura de José Rodrigues.

Foto 22: Com Mário Cesariny de Vasconcelos, na inauguração da livraria Assírio & Alvim, no Porto.

Foto 23: Com Alexandre O’Neil, Vasco Graça Moura e João Cabral de Melo Neto, Porto, 1985.



Esta viagem ficaria seriamente comprometida se não houvesse uma referência à sua paixão pelo futebol, como praticante mas também como dirigente do Boavista Futebol Clube. Razão tinha Albert Camus, quando afirmava que a natureza humana também se apreende nos estádios de futebol.



Foto 24: Crítica e tradução de poesia.

Foto 25: Edições brasileiras de obras do ensaísta e tradutor Arnaldo Saraiva.

«A poesia serve, às vezes simultaneamente, para moralizar e para desmoralizar, para dar a ver e para obscurecer, para ensinar e para desaprender, para alegrar e para entristecer, para responder e para perguntar, para elevar e para fazer cair. Útil e inútil, prazer e desmancha-prazeres, a poesia parece hoje, mais do que nunca, uma máquina subversiva, desde logo da sua própria mecânica, um sopro verbal excepcional da (in)consciência para a (in)consciência. Mas, hoje como sempre, a poesia existe para fazer ser em plenitude – quem a produz ou quem na leitura a reproduz» (Arnaldo Saraiva, in *Cadernos de Serrúbia*, n.º 3, Dezembro de 1998, pp. 67-68).

Quando, na casa da sua infância, olhava para o exterior, que percurso previa para si ou com que futuro sonhava?

Da casa da minha infância, eu só via montes e montes. Imaginava que teria muito que suar para os atravessar ou para subir, sobretudo ao mais alto, que por acaso era o mais alto de Portugal e que tinha um nome apelativo: Serra da Estrela. Que eu via do meu quarto.



Casegas, concelho da Covilhã. Anos 1950.

Consegue precisar em que momento terá nascido para as letras?

Em *Sinais de Fogo* Jorge de Sena põe o protagonista, seu alter-ego, na adolescência a esboçar o primeiro poema que lhe aconteceu. Eu não me lembro do primeiro texto livre que escrevi, antes dos 9 anos, mas a minha mais antiga memória liga-se – ou liga-me – ao fascínio – como o fascínio dos frutos da terra ou da música – das palavras. E até já escrevi numa revista, e disse na televisão, que um tio me ensinou uma quadra, mal eu aprendera a falar, que, porque fazia rir as pessoas, eu apreciava muito, embora a não entendesse bem. Era a quadra popular que diz assim: «Ó salgueirinho do rio / Cortado com a mão canhota / Não há coisa mais macia / Que as mamas de uma cachopa».

A sua vida tem sido feita de encontros com grandes escritores. Pode nomear alguns?

Eu encontrei ao longo da vida muitos escritores importantes de cuja obra gostava, mas não apreciava tanto a pessoa. Só que tive a sorte de encontrar também escritores que admirava – muito – e que conheci pessoalmente e, até posso dizer, tornei-me íntimo deles, privei muito com eles – e, em geral, eram poetas: Vitorino Nemésio, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, Herberto Helder, Ruy Belo. Alguns dos maiores portugueses a que podia associar alguns dos maiores brasileiros, entre eles, Drummond e João Cabral de Melo Neto.

Mas se penso em encontros mais ou menos pontuais com escritores – com quem não convivi muito mas que encontrei numa ou outra ocasião –, teria de citar Umberto Eco – com quem até viajei de Urbino para Roma uma vez, mas estive com ele outras vezes, e até o apresentei no Porto –, ou então teria de citar escritores como Sartre, como João Guimarães Rosa e, sobretudo, como Samuel Beckett, com os quais publiquei entrevistas raras.

Como incansável viajante, o que busca nas viagens?

A resposta mais evidente é: busco-me. Ou, poderia dizer, busco a diversidade, a pluralidade, a diferença das culturas, do mundo e da vida. Mas, se digo isto, também posso dizer: eu busco desaprender ou busco perder-me. Aí é inevitável citar o Pessoa que escreveu: «Viajar! Perder países! Ser outro constantemente».

Recentemente nomeado membro da Academia Brasileira de Letras, como é a sua relação com a literatura brasileira?

É misteriosa. Porque nasci numa terra, numa região que não dava emigrantes, onde não havia «brasileiros», nem de torna-viagem, e não me lembro de encontrar amigos ou quem quer que fosse que me falasse do Brasil. Intrigado com esta relação misteriosa, um dia dei-me conta que nasci em 12 de Outubro, dia da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Aparecida – que, pelos vistos, me deu a bênção – e também que nasci, curiosamente, a poucas dezenas de quilómetros da terra onde nasceu o descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral. Há aí algum encanto mágico.

Mas, menos esotericamente, eu lembro-me que aí pelos 13-14 anos, um padre que nunca tinha saído da Beira me pôs numa peça popular, a cantar com sotaque brasileiro a

parte que me coube no dueto do «Chico Mariê, Chico Mariá» («Esta gente linguaruda não mi deixa sossegá»). E creio que foi nessa altura que me dei conta que gostava mais do sotaque brasileiro que do português. E, portanto, nasceu aí o fascínio.

Mas o grande motivo que me levou ao Brasil foi um poema de Drummond, «A Flor e a Náusea», e sobretudo o próprio Carlos Drummond de Andrade, que quando eu cheguei ao Rio me ofereceu a obra poética, dizendo assim (falara de mim numa crónica até antes de me conhecer): «Ao Arnaldo, com a alegria de tê-lo entre nós».

A alegria foi minha.

«Preso à minha classe e a algumas roupas, / vou de branco pela rua cinzenta. / Melancolias, mercadorias espreitam-me. / Devo seguir até o enjôo? / Posso, sem armas, revoltar-me? / Olhos sujos no relógio: / não, o tempo não chegou de completa justiça. / O tempo ainda é de fezes, maus poemas, alucinações e espera. / O tempo pobre, o poeta pobre fundem-se no mesmo impasse. // Em vão me tento explicar, os muros são surdos. / Sob a pele das palavras há cifras e códigos. / O sol consola os doentes e não os renova. / As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase. // Vomitar esse tédio sobre a cidade. / Quarenta anos e nenhum problema resolvido, sequer colocado. / Nenhuma conta escrita nem recebida. / Todos os homens voltam para casa. / Estão menos livres, mas levam jornais e soletram o mundo sabendo que o perdem. // Crimes da terra, como perdoá-los? / Tomei parte em muitos, outros escondi. / Alguns achei belos, foram publicados. / Crimes suaves, que ajudam a viver. / Ração diária do erro, distribuída em casa. // Os ferozes padeiros do mal. / Os ferozes leiteiros do mal. / Pôr fogo em tudo, inclusive em mim. / Ao menino de 1918 chamavam anarquista. // Porém meu ódio é o melhor de mim. / Com ele me salvo e dou a poucos uma esperança mínima. / Uma flor nasceu na rua! / Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego. / Uma flor ainda desbotada / ilude a polícia, rompe o asfalto. / Façam completo silêncio, paralistem os negócios, / garanto que uma flor nasceu. // Sua cor não se percebe. Suas pétalas não se abrem. / Seu nome não está nos livros.

/ É feia. Mas é realmente uma flor. // Sento no chão da capital do país às cinco horas da tarde / e lentamente passo a mão nessa forma insegura. / Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se. // Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico. / É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio».

«A Flor e a Náusea», de Carlos Drummond de Andrade, 1945

«A caminho do que vem a caminho...» O que é que vem a caminho?

O mais fácil e evidente é dizer que é a morte. Mas também se pode dizer que é o encontro que não se teve ao longo da vida, ou é a revelação de algum dos muitos enigmas com que tropeçámos, ou então é apenas um encontro de um momento de beleza que, como disse Keats, é uma alegria para sempre.

Para concluir, gostaria que nos lesse um poema seu.

PERFORMANCE

Tocava como dizem que Mozart
tocava o corpo todo
em jogo
feroz com a noite
ou o fogo

tocava e parecia
novíssima
até a mais antiga
melodia

tocava esquecido
de si como se
só a música existisse
ou o levassem fios
secretas ligações
a desertos e rios
raios e trovões
calores e frios
vulcões terremotos
blasfêmias orações
a deuses ignotos

Como se fora o princípio
ou o fim do mundo
tocava tocava

fundo

[Poema inédito]